

# **(DES)CONSTRUINDO IDENTIDADES: AMBIGUIDADES, ESTEREÓTIPOS E LUTA POLÍTICA NAS RELAÇÕES MULHER-FUTEBOL.**

Marcelo Pizarro Noronha<sup>1</sup>

“Torcer por um clube de futebol é participar ativamente da vida social, construindo identidades que extrapolam o indivíduo, a casa e a família. Vivencia-se concretamente o pertencimento na rua, no estádio, em pleno domínio público (...) o desafio é apreender, a partir do ponto de vista dos torcedores, os aspectos simbólicos das disputas, especialmente aqueles que transcendem o jogo propriamente dito. DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**”. (2002, p.12).

## **Introdução**

O futebol é uma importante temática das Ciências Sociais, sendo considerado por Helal um fato social, na medida em “(...) que se impõe como uma força imperativa capaz de penetrar intensamente no cotidiano de nossas vidas, influenciando os nossos hábitos e costumes” (1990, p.14). O autor refere-se, em especial, ao amplo espaço destinado a este esporte nas diferentes mídias, o que lhe confere, na sua ótica, certo poder coercitivo sobre os indivíduos. Costa (2005) partilha essa concepção, afirmando que o futebol pode ser compreendido como um fato social total, uma vez que a sua prática diz respeito a diferentes instâncias, abarcando questões políticas, econômicas, religiosas, entre outras.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando em Antropologia Social (UFRGS). Doutor em Ciências Sociais (UNISINOS). Mestre em Educação (UFRGS). Especialista em Jornalismo Esportivo (UFRGS, em andamento). Especialista em História Contemporânea (FAPA). Bacharel em Ciências Sociais (UNISINOS). Licenciado em Ciências Sociais (UNISINOS). E-mail: marcelopnoronha@terra.com.br

Para pensarmos a importância deste esporte para o país, é interessante recorrermos a DaMatta, para quem “o futebol no Brasil é um veículo básico para a socialização e um complexo sistema para a comunicação de valores essenciais em uma sociedade altamente segmentada” (1989, p.73). Aproximando os universos do carnaval e do futebol, ele afirma que ambas as expressões culturais representam aspectos duradouros do meio social nacional.

Gastaldo reforça esta concepção, ao observar que

“o futebol no Brasil pode ser considerado uma das manifestações culturais mais importantes na constituição da cultura brasileira contemporânea, juntamente com o carnaval e as chamadas religiões afro-brasileiras” (2002, p.23).

Para ele, o futebol opera como uma espécie de “elemento aglutinador” no que se refere às representações culturais que se dão acerca de uma ideia de “povo brasileiro”.

Existem muitos recortes analíticos sobre o chamado “esporte das multidões” (ver NORONHA, 2010), ligados a diferentes campos ou conceitos, como ideologia, alienação, religiosidade, violência, globalização, arte e cultura de massa, por exemplo, mas, neste artigo, enfocarei a participação feminina no universo do futebol. No decorrer do texto, apresentarei o Núcleo de Mulheres Gremistas, tomado, em meu doutoramento em Ciências Sociais (2010), como caso exemplar do “lugar” simbólico da mulher no universo do futebol. Atualmente, sigo acompanhando o trabalho desse grupo, desta feita no Pós-Doutorado em Antropologia Social, com o objetivo de discutir suas relações políticas, em termos institucionais, o que exige um estudo de gênero.

## **1. Futebol e gênero**

A discussão sobre gênero implica o debate sobre as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres. De acordo com Zinani, “é inviável pensar a questão de gênero sem considerar que a história das mulheres, até pouco tempo atrás, foi escrita por homens, que detinham o destino delas nas mãos” (2006, p.92). Bourdieu,

ao analisar processos culturais que possibilitaram ao homem a condição de dominador, que é relativizada por ele, observa que

“as divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros (...) levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino” (2007, p.41).

O gênero é uma construção social, podendo ser compreendido tanto como uma variável sociocultural, quanto como uma categoria de análise a ser explorada no âmbito científico. É o que acredita Prá (2004), para quem a melhor condição em que se encontraram as mulheres atualmente, em especial no mundo ocidental, é resultado das permanentes lutas feministas. Seu estudo impõe, conforme Silveira e Santos (2004), o reconhecimento e a análise de estereótipos. As formas como as mulheres vêm sendo representadas (e se representam), portanto, devem ser consideradas. As referidas autoras entendem que as representações sociais muitas vezes estão em sintonia com as ações de determinados grupos e indivíduos, indicando uma espécie de “cristalização” de gênero, isto é, podemos agir, sem perceber, de acordo com aquilo que se espera de nós.

A presença das mulheres no campo esportivo, sobretudo no futebol, um território masculino, é complexa e repleta de estereótipos. A seguir, algumas reflexões acerca deste processo.

## **2. As mulheres e o futebol**

Apesar do crescimento do futebol feminino no país, ainda é modesta a participação da mulher nesse universo. A vontade de ingressar no mundo da bola, no entanto, não é nova. Guterman chama a atenção para o fato de que no primeiro campeonato paulista, realizado em 1902, as arquibancadas do Velódromo, onde eram disputados os torneios, “(...) estavam sempre cheias de cavalheiros, de senhoras e de senhoritas” (2009, p.24). As mulheres, para este autor, atraíam olhares masculinos por

conta dos seus elegantes vestuários, considerados, nas suas palavras, “riquíssimas toilettes”.

Duas décadas após, o futebol ampliou seu espaço. Conforme Gianella Júnior,

“em 1921, já era comum acontecerem partidas de futebol feminino na capital paulista. Tanto que, em 28 de julho daquele ano, a imprensa registrou a partida entre ‘Senhoritas do Tremembé’ e ‘Senhoritas Cantareirenses’ (2006, p.24-25).

A primeira escola de futebol feminino de São Paulo foi inaugurada, porém, segundo Bruhns (2000), somente em 1994, na data simbólica de 08 de março, “Dia Internacional da Mulher”. Desde então, muitas equipes de futebol feminino foram montadas e posteriormente desfeitas, por falta de público e de patrocínio, o que é decisivo em se tratando do futebol um espetáculo, de acordo com Helal (2001).

No mundo do esporte, as mulheres ainda ocupam, em grande medida, um lugar secundário, fato que é bem representado no cinema. Para Moura, “em alguns filmes que Hollywood produz contendo cenas esportivas, o espaço reservado às mulheres é quase sempre como coadjuvante” (2005, p.144). Vale lembrar que atualmente muitos clubes de futebol profissional brasileiros estão lançando filmes sobre suas histórias e conquistas, exibindo-os nas grandes telas ou em forma de DVDs. Chama a atenção, nestas produções, o fato de que os homens aparecem comumente chorando, sustentando suas lágrimas com orgulho, em meio a depoimentos emocionados.

Através do futebol, conforme Daolio, “(...) o homem reaprende a chorar – de felicidade ou de tristeza – ‘esquecendo-se’ da educação que delegou este comportamento, preferencialmente, às mulheres” (2003, p.172). O futebol, desta forma, constitui-se como um importante espaço para a expressão dos afetos masculinos, o que aparentemente contradiz o senso comum de que “homem não chora”.

De acordo com DaMatta, “(...) na América do Sul em geral e, no Brasil, em particular, o futebol é considerado um jogo (...) tipicamente masculino” (2006, p.178-179), o que faz com que as mulheres ainda sofram inúmeros preconceitos, alguns dos quais ligados às suas orientações sexuais. Este contexto é problematizado por Goellner,

que indaga: “(...) o que é mesmo ser feminina, nos tempos contemporâneos, onde as roupas, as atitudes, os comportamentos parecem abrandar a demarcação das fronteiras entre o masculino e o feminino?” (2000, p.85).

O aumento do número de mulheres futebolistas no país não significa, para Rubio e Simões (1999), o fim do preconceito de gênero. As dificuldades vivenciadas pelas mulheres neste campo, inclusive, tem estimulado muitas atletas a saírem do Brasil em busca da profissionalização como jogadoras de futebol.

A emancipação da mulher brasileira no campo esportivo está se dando, fundamentalmente, segundo Mourão (2000), por meio de um processo de infiltração no mundo masculino. Para a autora, apesar dos esforços e dos avanços femininos, os clubes e as federações ainda seguem no comando dos homens, o que pode ser explicado pelo fato de que no país ainda não existe um movimento claro de mulheres em prol da igualdade de condições para a prática esportiva. Em se tratando da inserção feminina no futebol, Lovisolo (et al, 2006) acredita que a adoção do termo “infiltração” não é adequada, pois este possui conotação militar e de luta política. Isto não significa, obviamente, que as mulheres não briguem por um espaço neste universo; apenas o fazem de modo mais individualizado, ou a partir de pequenos grupos, o que não caracteriza, na sua visão, um movimento social.

### **3. As mulheres no Grêmio**

A participação feminina no Grêmio ao longo dos seus mais de cem anos de existência é tímida e complexa. Uma olhada para a produção cultural sobre o clube gaúcho indica que as mulheres ocuparam, por muito tempo, um espaço voltado, em grande medida, para o universo da beleza e da estética. É o caso de Maria Bruger, por exemplo, eleita “Rainha tricolor” em 1953, ano em que o Grêmio comemorou o seu cinquentenário (In: FERLA, 2002). Marta Rocha, eleita Miss Brasil em 1954, também foi citada numa obra sobre o tricolor, por ter visitado o estádio Olímpico, neste período, numa jornada que reuniu uma multidão em torno da casa gremista (In: COLLE, 2005).

O escritor Natal Dornelles, fenômeno de vendas numa das últimas edições da Feira do Livro de Porto Alegre, que é um dos maiores eventos culturais do município, afirmou que as torcedoras gremistas “(...) são botões de rosa, são margaridas, são violetas, são azaléias, são flores do campo” (2007, p.46). As mulheres se fazem presentes nas brincadeiras que envolvem a rivalidade entre o Grêmio e o Internacional. Pereira, por exemplo, escritor contemplado com o prêmio “Pandorga – TVE”, publicou um livro de piadas envolvendo o futebol:

“O Colorado chega em casa e encontra um Gremista embaixo da cama. Furioso pergunta à mulher:  
- O que faz este Gremista debaixo da cama?  
Com os olhos radiantes, ela responde:  
- Embaixo não sei, mas em cima faz maravilhas!” (2007, p.21)

Percebe-se nesta e em outras histórias contadas por Pereira (2007) uma conotação sexual, sendo a mulher apenas um objeto à mercê do desejo dos homens-torcedores, que a usam como uma espécie de troféu a ser exibido para o adversário. É importante salientar que este autor publicou sua obra em duas versões: numa os tricolores debocham dos colorados; na outra, os colorados riem dos gremistas. O texto é o mesmo, mudando apenas o “lugar” de cada torcedor no enredo.

Em termos de composição política formal, o Grêmio atualmente contabiliza 150 Conselheiros Titulares (mandato 2007-2013), sendo que apenas três integrantes são mulheres. Existem outros 150 Conselheiros Titulares, que foram eleitos para um mandato diferente (2010-2016). Na soma dos dois quadros, temos somente cinco mulheres, o que representa aproximadamente 1,6% dos 300 Conselheiros Titulares do clube, um número modesto se comparado à quantidade de sócias (em torno de 14% de um quadro social que beira os 70 mil associados). Este percentual se parece com o de outros clubes de futebol profissional do país. A atuação das mulheres no universo político destas instituições, portanto, é bastante limitada, devido a uma cultura que reserva aos homens os cargos diretivos, não por causa de regimentos escritos, mas pela tradição.

A inserção feminina no campo político das instituições esportivas é problemática. Jurema Bagatini Ramos, a primeira mulher a presidir um clube de futebol

no país (Esporte Clube Encantado, equipe do interior do Rio Grande do Sul, em 1973), sofreu fortes pressões da comunidade onde morava (em Encantado). Esta experiência, inclusive, não foi apoiada pelo padre local, que acreditava que as mulheres não tinham “tino administrativo” ([www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br), em 04/032010). Seu irmão, o ex-goleiro Wilson Bagatini, lembra que na época (início dos anos 70) foram publicadas matérias questionando se não havia mais homens no futebol brasileiro. Ele mencionou uma frase que leu num jornal, falando que a sua irmã era “a única presidente que não entra em vestiário” ([www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br), em 04/03/2010). Apesar dos preconceitos, Jurema aceitou o desafio, levando um clube em situação de falência à primeira divisão do futebol gaúcho.

Outro caso emblemático foi o da eleição de Marlene Matheus, esposa do lendário presidente do Corinthians Vicente Matheus, ao cargo máximo do Timão. Entre 1991 e 1993, ela comandou um dos clubes mais populares do país, fato que gerou inúmeras especulações a respeito de quem seria o real dirigente do clube paulista: se ela ou o marido. Em dezembro de 2009, a vereadora do Rio de Janeiro e ex-atleta Patrícia Amorim tornou-se a primeira mulher a presidir o Flamengo, clube de maior torcida do Brasil, numa eleição disputada com outros quatro candidatos, sendo todos estes homens. Na ocasião, foi proposta uma enquete sobre a capacidade de Patrícia para assumir o cargo ([www.terra.com.br](http://www.terra.com.br), em 08/12/2009), o que demonstra a desconfiança acerca da qualidade feminina para encarar este desafio. Entusiasmados com o processo eleitoral rubro-negro, os participantes da enquete responderam que sim (61,53% dos votos computados).

Retomando o contexto gremista, em meados de 2004, surgiu um grupo de mulheres dispostas a apoiar o clube a partir, sobretudo, de ações assistenciais. A seguir, apresentarei o Núcleo de Mulheres Gremistas.

#### 4. O Núcleo de Mulheres Gremistas



Fonte: Arquivo Marcelo Pizarro Noronha

Data: 14/05/2011

Este grupo iniciou as suas atividades em 2004, em meio a uma das maiores crises vividas pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, que culminou com o rebaixamento do clube para a segunda divisão do futebol profissional do país. As primeiras postagens do grupo na internet chamavam a atenção para a importância da torcedora em respeito à reestruturação gremista, deixando claro o papel da mulher neste processo: “(...) o nosso amor pelo Grêmio, mulheres, é incondicional, que nem amor de mãe” ([www.gremio.net](http://www.gremio.net), em 10/04/2006).

A vinculação entre amor e maternidade traz à tona o debate proposto por Ortner (1979), para quem o papel social feminino é compreendido como mais próximo da natureza, por conta, dentre outros fatores, da gestação, que implica, em diferentes culturas, uma espécie de “domesticação” da mulher. Esta visão é problematizada por Butler, que afirma que “a noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos de opressão de gênero nos contextos culturais em que ela existe” (2003, p.20). Ela entende, no entanto, que é difícil superar esta concepção histórica, baseada, de certo modo, na dicotomia entre masculino e feminino, o que sugere uma discussão de gênero.

No que se refere ao Núcleo de Mulheres Gremistas, posso afirmar que o grupo atua de maneira tradicional, ocupando-se, sobretudo, em participar de campanhas assistenciais, algumas das quais realizadas em parceria com outros grupos de mulheres, como o Instituto da Mama do Rio Grande do Sul (IMAMA), por exemplo. Com isso, o Núcleo amplia sua área de trabalho (para além das fronteiras do clube), legitimando suas ações sociais. Inicialmente, o Núcleo revelou-se um grupo pequeno (em termos de quantidade de integrantes) e desarticulado, que carecia, dentre outras questões, de uma identidade, pois precisava deixar claro que não era uma torcida organizada e sim um conjunto de mulheres unidas em prol do clube e de questões sociais em geral.

Em 2007, o grupo promoveu um processo de descentralização da sua gestão, a partir da eleição de três coordenadoras (até então, só havia um membro exercendo esta função). Este fato foi decisivo para a inserção do Núcleo na esfera política gremista, um processo que gerou tensão entre as integrantes do grupo e destas com a direção do clube. Em 2008, o Núcleo de Mulheres Gremistas se envolveu nas eleições para presidente do Grêmio, integrando o que o jornalista Hiltor Mombach intitulou de “G-6” (Núcleo de Mulheres Gremistas, Grêmio Imortal, Grêmio Sempre, Grêmio Acima de Tudo, Grêmio Unido e Grêmio Menino Deus), um movimento político a favor da candidatura de Duda Kroeff, representante da oposição ao então presidente Paulo Odone, que é o atual dirigente maior do clube. Mombach classificou o apoio feminino como “comedido”, sugerindo a visita ao site do grupo para quem quisesse conferir a sua posição em relação ao processo eleitoral (In: jornal Correio do Povo, 05/10/2008, p.19).

O diálogo do Núcleo com a esfera política institucional trouxe à tona a liderança de Rosa Foresti, eleita conselheira deliberativa (2007-2013) e uma das principais articuladoras do grupo. Ela, que atualmente é uma das coordenadoras do Núcleo, propôs uma nova orientação ideológica, de caráter político, o que possibilitou às mulheres gremistas um maior espaço na instituição, embora ainda longe do ideal.

Uma atividade realizada em 2009, que teve o Núcleo como protagonista, chamou-me a atenção: O “Gre-nal da Paz”. Tricolores e coloradas (algumas delas ligadas a um grupo similar, o Espaço da Mulher Colorada) se deram as mãos e caminharam pelo centro de Porto Alegre, exigindo paz nos estádios e maior participação

feminina nos clubes de futebol. O evento, que teve um caráter político, culminou com abraço à Prefeitura Municipal e contou com a presença do então prefeito José Fogaça.



Fonte: Arquivo Marcelo Pizarro Noronha

Data: 07/03/2009

Este fato marcou a história de ambos os grupos, tendo boa divulgação na imprensa local. Ao som da música “Mulher” (“Frágil”), de Erasmo Carlos e Narinha (então sua esposa), executada várias vezes, centenas de torcedoras exaltaram suas paixões clubísticas, em meio a olhares curiosos de quem passava pelo local e não sabia do que se tratava. “Tremendão”, o eterno parceiro do Rei Roberto Carlos, homenageou o universo feminino como os seguintes versos: “Dizem que a mulher é o sexo frágil, mas que mentira absurda. Eu que faço parte da rotina de uma delas sei que a força está com elas”. O curioso é que esta canção foi muito criticada quando da sua gravação, por conta de um suposto conteúdo machista. No mesmo ano, gremistas e coloradas voltaram a se encontrar, desta feita numa campanha assistencial: o “Segundo Gre-nal Solidário”.

Em 2010, o Núcleo de Mulheres Gremistas, em parceria com outros seis grupos políticos ligados ao Grêmio, participou ativamente do processo de renovação do Conselho Deliberativo (CD) do clube, indicando quatro integrantes como candidatas ao CD. O grupo também se envolveu com as eleições para presidente do clube, num movimento que foi renomeado de “G-7” (Núcleo de Mulheres Gremistas, Grêmio

Vencedor, Grêmio Sempre, Grêmio Unido, Grêmio Menino Deus, Grêmio Acima de Tudo e Grêmio Imortal). Os resultados não foram bons, uma vez que o candidato apoiado perdeu o pleito. Mais importante do que isso, no entanto, foi reafirmar a participação feminina no clube e chamar a atenção da opinião pública sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mundo futebolístico.

No ano de 2011, voltei a acompanhar o trabalho do Núcleo, participando de algumas reuniões. De imediato, percebi que os problemas enfrentados pelo grupo eram os mesmos dos anos anteriores, como a falta de um local próprio para a realização das reuniões (regulares e extraordinárias), questão amplamente discutida na tese. As fotos a seguir ilustram bem este contexto (as integrantes improvisaram o seu encontro nas arquibancadas do estádio gremista, sendo chamadas, por funcionários do clube, em meio à reunião, para ocuparem uma sala no complexo do Olímpico Monumental).



Fonte: Arquivo Marcelo Pizarro Noronha

Data: 09/04/2011

Esta situação é simbólica e expressa os conflitos do Grêmio em relação à participação feminina no clube, a qual, como vimos, segue modesta, em especial na esfera política e administrativa.

## **Considerações finais**

A investigação sobre a produção cultural futebolística indica que o futebol ainda pode ser compreendido como um espaço masculino, embora a presença feminina neste campo seja crescente. Neste sentido, o trabalho do Núcleo de Mulheres Gremistas é importante, na medida em que desafia uma ordem “naturalizada” que coloca a mulher em segundo plano em se tratando do mundo do futebol. A atuação deste grupo é ambígua, uma vez que as suas integrantes investem, em larga medida, em ações assistenciais, a partir de modelos convencionais, que são adotados comumente por outros grupos de mulheres, ligados ou não ao “esporte das multidões”. A arrecadação de brinquedos e material de higiene para pessoas em situação de vulnerabilidade social, por exemplo, embora relevante, reafirma um papel social tradicional em nossa sociedade (questão da “cristalização de gênero”).

A paixão clubística demonstrada pelo grupo durante toda a sua trajetória, semelhante à de torcedoras de outras instituições esportivas, no entanto, está sendo transformada em ação política, numa tentativa de minimizar as distorções estabelecidas entre homens e mulheres ao longo da história, em diferentes campos sociais além do esportivo. A luta destas mulheres para conquistar um espaço (simbólico, físico, político, outros) em seu clube é valorosa e questionadora, pois coloca em xeque uma série de representações culturais acerca da mulher.

Em estudos anteriores, acompanhei diferentes anúncios publicitários encomendados pelo Grêmio e pelo Internacional destinados às suas respectivas torcedoras e pude observar o quanto o mundo feminino ainda é pensado a partir de estereótipos (a mulher é vista como consumidora e menos atenta do que o homem no futebol em si).

Por fim, é preciso salientar que experiências como a do Núcleo de Mulheres Gremistas são importantes na medida em que nos fazem pensar sobre as relações de poder tecidas entre homens e mulheres, o que implica uma discussão de gênero. E o futebol enquanto um fato social é um campo muito interessante para se problematizar o que se entende (ou o que se quer) por masculino e feminino no mundo contemporâneo.

## Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papirus, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (Coleção Sujeito e História).

COLLE, Gabriel. **Grêmio: a verdadeira história**. Espumoso: Nova Era, 2005.

COSTA, Antonio da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem na sociedade. In: LOVISARO, Martha; NEVES, Leczy Consuelo. **Futebol e sociedade: um olhar interdisciplinar**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005, p.13-26.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

\_\_\_\_\_. Esportes na sociedade: futebol como drama social. **Concilium**, Petrópolis, n.225, p.62-74, 1989.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2002. Coleção Academia.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2003. (Coleção Livro-texto).

DORNELLES, Natal Augusto. **Como é bom ser gremista**. Porto Alegre: Besouro Box, 2007.

FERLA, Marcelo Câmara. **O imortal tricolor**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GASTALDO, Édison Luis. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

GIANELLA JÚNIOR, FÚLVIO. **Futebol**. São Paulo: Globo, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Pode a mulher praticar o futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.79-93.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 149-162.

\_\_\_\_\_. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LOVISOLO, Hugo et al. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.12, n.3, p.165-191, set./dez. 2006.

MOMBACH, Hiltor. Eleições. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p.19, 05 out.2008.

MOURA, Eriberto Lessa. O futebol como área reservada masculina. In: DAOLIO, Jocimar (Org). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.131-147.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.7, n.13, p.5-18, 2000.

NORONHA, Marcelo Pizarro. **Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico**. Tese (doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Leopoldo, RS, 2010.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Coord). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.95-120. (Coleção O mundo, hoje, v.31).

PEREIRA, Alcir Nicolau. **Gremistas gozam colorados**. Porto Alegre: Alcance, 2007.

PRÁ, Jussara Reis. Gênero, cidadania e participação na esfera pública. In: CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer (Org.). **Produzindo gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.45-54.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadores a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.5, n.11, p.50-55, 1999.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SANTOS, Cláudia Amaral dos. Gênero e diferença em textos escolares infantis. In: CARVALHO, Maria Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer (Org). **Produzindo gênero**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.267-278.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.